

O ARQUIVO COMO CAMPO DA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA: estudo de caso do Arquivo pessoal de Edgard Roquette-Pinto¹

Por: Joelma Aparecida Campos Mendonça
Railane Pereira de Sant' Ana
Veramiles Vieira Mesquita

RESUMO

O presente trabalho resgata a importância de Edgard Roquette-Pinto para a sociedade brasileira, pontuando brevemente sua atuação: médico, antropólogo, participante da Comissão Rondon, etc. Compreende que seu Arquivo pessoal, doado pela família à Academia Brasileira de Letras (ABL) foi um ato que propiciou o auxílio ao trabalho de distintos pesquisadores. Apesar da doação, esse acervo ficou fechado ao público por mais de trinta anos, a pedido dos familiares de Edgard Roquette-Pinto, tudo isso, sem armazenamento adequado ou organização arquivística. Somente em 1997, a pesquisadora Dominichi Miranda de Sá conseguiu acessá-lo na ABL sob autorização da família. Buscamos compreender a interferência de distintos agentes no processo de recolhimento do Arquivo pessoal de Edgard Roquette-Pinto: ele próprio, família e arquivistas. Realizamos revisão de literatura e entrevista, de roteiro semiestruturado, com a profissional Juliana Amorim de Souza, arquivista da ABL que recentemente defendeu sua dissertação de mestrado acerca desta temática.

Palavras-Chave: Arquivo Pessoal Edgar Roquette-Pinto; Academia Brasileira de Letras; Interferências;

ABSTRACT

This paper recalls the importance of Edgard Roquette-Pinto to Brazilian society, Punctuating briefly his work: doctor, anthropologist, participant of the Rondon Commission, etc. He understands that his personal archive, donated by the family to the Brazilian Academy of Letters (ABL), was an act that helped to the work of different researchers. Despite the donation, this collection was closed to the public for more than thirty years at the request of Edgard Roquette-Pinto's family members, all without adequate storage or archival organization. Only in 1997, researcher Dominichi Miranda de Sá was able to access it at the ABL under the authorization of the family. We try to understand the interference of different agents in the process of recollecting Edgard Roquette-Pinto's personal archive: himself, family and archivists. We carried out literature review and interview, with a semi-structured script, with the professional Juliana Amorim de Souza, an ABL archivist who recently defended her master's dissertation on this subject.

Keywords: Personal Archive Edgar Roquette-Pinto; Brazilian Academy of Letters; Interference;

¹ Artigo concluído em razão da Disciplina Pesquisa em Arquivística no curso de Bacharelado em Arquivologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), ministrada pelo Prof. Ms. Bruno Ferreira Leite.

1. INTRODUÇÃO

O uso dos arquivos pelos pesquisadores e historiadores remonta do século XIX, após a criação dos Estados Nacionais a partir da Revolução Francesa (século XVIII), e a criação do Arquivo Nacional da França - para dar conta dos documentos criados com a burocracia do Estado e com a necessidade de se guardá-los em um único local. “[...] os arquivos oitocentistas refletiam em seus trabalhos as correntes intelectuais deste período, sobretudo as ideias historiográficas positivistas”. (HORN; GERMINARI, 2006, p. 135)

Ao elegermos os arquivos como espaços da investigação histórica, assim o caracterizam em virtude da importância da vasta guarda documental, atribuída também a este tipo de instituição, que proporciona inúmeros desdobramentos para a produção historiográfica, proveniente das fontes ali encontradas.

O historiador, como pesquisador e produtor de conhecimento precisa analisar os conceitos centrais e necessários para a crítica do conhecimento histórico, e dentro desses procedimentos recorre também aos arquivos para utilizar suas fontes em sua produção textual, com suas devidas ressalvas. A contextualização de uso de arquivos como fonte é descrita abaixo por Rousso:

A utilização de um “arquivo” pelos historiadores só pode ser compreendida sob a luz da noção de “fonte”. Chamaremos de fontes todos os vestígios que os homens e o tempo conservaram voluntariamente ou não – sejam eles originais ou reconstruídos, minerais, escritos, sonoros, fotográficos, audiovisuais, ou até mesmo, daqui para frente, virtuais (contanto, nesse caso, que tenham sido gravados em uma memória) -, e que o historiador, de maneira consciente, deliberada e justificável, decide erigir em elementos comprobatórios da informação a fim de reconstituir uma sequência particular do passado, de analisá-la ou de restituí-la a seus contemporâneos sob a forma de uma narrativa, em suma, de uma escrita dotada de uma coerência interna e refutável, portanto de uma inteligibilidade científica”. (ROUSSO, 1996, p. 86)

Para Ginzburgo a variedade das fontes e sua fragmentação precisam de uma análise que ultrapasse as suas circunscrições, pois do contrário, se abstém de uma probabilidade de entendimentos de múltiplos focos, com suas riquezas (informações) intrínsecas. Levando-nos dessa forma ao unilateralismo, restrito a uma perspectiva (GINZBURG, 1989, p. 173).

O trabalho do pesquisador historiador não acontece sem o uso de fontes e os arquivos dentro de sua diversidade documental, com seus fundos, ampliam as análises de tais trabalhos empreendidos a partir destas possibilidades.

A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo. Uma fonte pode preencher uma das funções acima explicitadas: ou ela é o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e

interpretar (fonte histórica = fonte de informação sobre o passado), ou ela mesma... é o próprio fato histórico.” (BARROS, 2009, p.134).

Entendemos os arquivos pessoais como fontes importantes para pesquisa. Porém, estão longe de serem registros neutros e imparciais de seu produtor. Esses arquivos sofrem influências de distintos personagens principalmente no momento de sua doação ou não pela família do produtor. A interferência intelectual e física do arquivista também compõe esse processo e na maioria dos casos, se não todos, é essencial para que o acervo esteja em condições de acesso e para sua conservação.

Duchein (1986) discute a interferência do arquivista frente um fundo arquivístico e seu esforço em identificar a ordem original e a manutenção da classificação redigida pelo organismo produtor. Este autor destaca as dificuldades desse processo:

Nestas condições seria ilusório e perigoso procurar ter sistematicamente a classificação dada pelo organismo produtor como base de classificação arquivística. Antes de adotar esta solução, o arquivista deve se assegurar a) que a classificação dada pelo organismo produtor foi efetivamente realizada, perseguida e conservada e não se ficou por uma simples intenção ou veleidade; b) que esta classificação foi perseguida por um período de tempo bastante longo; c) que não é incompatível com o princípio do respeito dos Fundos; d) que ela englobe bem todos os documentos que compõem o Fundos ou divisão do Fundos de que diz respeito tratar. (DUCHEIN, 1986, p. 14).

Portanto, Duchein considera que, em determinados casos a serem identificados pelo profissional arquivista, é mais significativo a interferência direta ao se criar um plano de classificação e classificar a documentação do que persistir na tentativa de identificar a classificação da documentação analisada.

É nesse contexto que buscamos trabalhar o Arquivo pessoal de Edgard Roquette-Pinto com base nas influências sofridas pelo próprio produtor, família e arquivistas desde à produção deste acervo até a sua doação.

Edgar Roquette-Pinto foi médico legista, professor, escritor, antropólogo e membro da Academia Brasileira de Letras e é considerado o pai da radiodifusão no Brasil.

Sendo assim, é muito importante destacar o quanto provavelmente seu Arquivo pessoal tem de informações, levando em consideração, toda a sua colaboração na formação da sociedade brasileira. Roquette-Pinto tinha uma visão voltada para a parte social menos favorecida da população brasileira, como os índios do sertão.

Formou-se médico no final do século XIX, ainda assim não via na medicina a cura para os problemas da população, que na época, segundo algumas “teorias raciais, o mestiço era considerado um tipo biologicamente inferior”. (CASTELLI, 2013).

Para ele, a educação era a forma de resolver os problemas nacionais de todas as raças independente de cor da pele mereciam os mesmos recursos. Ele implantou a

radiodifusão de forma educativa, sendo assim, através do rádio as informações poderiam atingir os lugares mais remotos. Sendo ele um integrante que participou da Comissão Rondon em 1912, coletou um vasto material que foi entregue ao Museu Nacional e através destes se originou seu livro intitulado de “Rondônia”.

Roquette-Pinto foi diretor do Museu Nacional, atuou em diversas organizações da sociedade, tais como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Academia Brasileira de Ciências, Sociedade de Geografia, Academia Nacional de Medicina, Academia Brasileira de Letras (ABL), entre outras.

Foi um importante incentivador da radiodifusão, implantou em 1923 a primeira estação de rádio do país. Anos mais tarde para não transformar a rádio em um “veículo comercial” doou ao Ministério da Educação e Cultura.

Além disso, fez do cinema, um veículo educativo no Brasil, sendo assim deixou um volume de documentos pessoais rico em informações de suas diferentes atuações.

Seu arquivo pessoal, é constituído por 6 metros lineares de documentos, foi doado por sua família à ABL, em 1965. Após a doação, o acervo permaneceu sem tratamento por mais de 30 anos, somente em 1997 foi aberto à primeira consulta, mesmo antes de sua organização.

Após a abertura do acervo para consulta, pesquisadores tiveram a oportunidade de acessá-lo, interferindo desta forma, na própria organização física dos mesmos, que não havia até o momento passado por processamento técnico arquivístico.

Diante do exposto, temos por Objetivo Geral: Identificar a importância dos arquivos pessoais para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos de pesquisadores/historiadores, sobretudo, problematizando a interferência de distintos agentes tais como o produtor, a família e os arquivistas no processo de recolhimento. E objetivo específico: Compreender a interferência de distintos agentes no processo de recolhimento do arquivo pessoal de Edgard Roquette-Pinto.

Nosso trabalho se constitui em um estudo de caso do Arquivo pessoal de Edgard Roquette-Pinto, doado pela família à Academia Brasileira de Letras (ABL) em 23 de novembro de 1965. Realizamos uma revisão de literatura para entender a importância desse acervo como fonte de pesquisa para distintos pesquisadores, como também entrevistamos a pesquisadora Juliana Amorim, arquivista da ABL. Optamos por entrevistar essa profissional pelo fato dela ter desenvolvido uma dissertação de mestrado a respeito da temática em questão cujo título é “Roquette-Pinto Imortal: Constituição, Tratamento e Usos do Arquivo Roquette-Pinto na Academia Brasileira de Letras”.

A entrevista foi guiada por um roteiro semiestruturado que consta no Apêndice I nesse trabalho. Utilizamos uma abordagem qualitativa dos dados coletados, conforme esclarece Minayo (1993):

“[...] Uma análise qualitativa completa interpreta o conteúdo dos discursos ou a fala cotidiana dentro de um quadro de referência, onde a ação e a ação objetivada nas instituições permitem ultrapassar a mensagem manifesta e atingir os significados latentes”. (MINAYO, 1993, p. 246).

Acreditamos que essa abordagem nos auxiliou a compreender melhor o Arquivo pessoal de Edgard Roquette-Pinto, em relação a sua dimensão simbólica.

2. A INTERFERÊNCIA DE DISTINTOS AGENTES NO PROCESSO DE RECOLHIMENTO DO ARQUIVO PESSOAL DE EDGARD ROQUETTE-PINTO

A Academia Brasileira de Letras (ABL), uma fundação cultural com objetivo de preservação e desenvolvimento da língua e literatura nacional, tem sua data de início de atividade em 20 de Julho de 1897. Com sede no Rio de Janeiro, é composta por 40 membros efetivos e 20 sócios correspondentes estrangeiros.

A criação do arquivo da ABL teve dois momentos distintos. O primeiro se deu com referência a fundação da instituição, aparecendo em algumas sessões preparatórias para início das atividades da casa, foi identificado em 23 de dezembro de 1896, escrito em uma carta de concordância da criação da mesma (ABL), sendo uma ordem do presidente da instituição Machado de Assis.

O segundo momento, referente ao arquivo na comemoração do “centenário da ABL”. Para essa festividade houve mudança na instituição e na forma de proceder com os arquivos ali guardados, com a abertura das portas para toda a sociedade e o aumento de suas visitas, exposições e consultas aos acervos, à diretoria foi à revitalização dos arquivos, pois até aquela data as visitas eram restritas a um pequeno grupo de pesquisadores.

A arquivista Juliana Amorim começou a trabalhar com o arquivo Roquette-Pinto quando ainda era estagiária na ABL, de janeiro de 2009 a julho de 2010, enquanto ainda era graduanda em Arquivologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, ela exercia o atendimento aos pesquisadores disponibilizando o arquivo para consultas.

No ano seguinte a sua formação, que ocorreu em meados de 2010, ela foi convidada a participar como arquivista do projeto de “100 anos da participação de Edgar Roquette-Pinto na comissão Rondon”. O contrato era para dois anos e contaria com duas arquivistas exclusivas para o projeto além do quadro de colaboradores da instituição, isso foi uma determinação da arquivista chefe da instituição que também era a coordenadora do projeto, para que o projeto tivesse um processo contínuo e único.

Conforme nos explicou na entrevista, Juliana atuou como Arquivista no Projeto, com a responsabilidade de organizar o fundo documental, no período de 2011 a 2015, em um exercício de investigação do tratamento arquivístico a que foi submetido este fundo, com esse trabalho de organizar teve um contato maior com a documentação do que quando era estagiária, e isto a motivou a uma pesquisa ao material e mais tarde a inspirou a buscar o mestrado. Outra razão para a inspiração foi à atuação da Arquivista-chefe, Maria, que foi uma agente determinante para organização deste fundo, com sua persistente pesquisa para conseguir investimento para o projeto.

A arquivista-chefe da ABL, Maria, debruçou-se sobre este fundo para conseguir verba para poder trabalhar o Arquivo de Edgar Roquette-Pinto, pois a instituição não teria como arcar com os custos. Como não obteve êxito com suas primeiras tentativas de arrecadação de incentivos para poder dar início aos projetos.

Após estudar todo o trabalho do autor, notou-se que ele participara da “Comissão Rondon”, e que se aproximava de completar 100 anos de sua participação. Com a abertura do edital da UNESCO para o projeto “Memória do Mundo”, percebeu-se que o fundo documental se encaixava nos critérios para essa premiação, foi inscrito e passou pela comissão que analisou os dados disponibilizados e sendo aprovado.

Essa premiação foi importante para uma maior divulgação desse arquivo. Apesar da pouca visibilidade que se tinha do arquivo, ele era o segundo mais acessado no acervo da ABL, apesar de não ter sido organizado, com a organização do acervo facilitou o trabalho dos pesquisadores.

A ABL sempre teve a preocupação de traçar o perfil de seus usuários e realizava este trabalho com uma planilha de dados dos acervos consultados, com isso é possível fazer essa constatação anualmente. E foi isso que instigou a Arquivista-chefe a procurar investimento para organizar esse fundo.

Com sua variedade na produção documental de suas diversas áreas de atuação profissional, como médico, antropólogo, professor, etc., a demanda atendida por pesquisadores quanto à atuação profissional de Roquette-Pinto é mais marcante como médico (primeira fase da vida do produtor e mais voltada para estudo) e como antropólogo (incluído a participação da Comissão Rondon) e a relação com a divulgação de informação.

A primeira comunicação de tentativa de doação do acervo para a ABL foi feita pela filha de Roquette-Pinto, Sra. Beatriz Roquette-Pinto Bojunga, em 1961, mas a doação só foi feita efetivamente em 1965, e o fundo ficou fechado aproximadamente 30 anos sem tratamento técnico e acesso.

Seu acondicionamento ocorreu em um porão úmido por isso não favoreceu a preservação dos documentos, parte do acervo apodreceu e por isso há perda da produção do autor. Acredita-se que o processo de higienização dos documentos que não foram

perdidos por causa da umidade, perdeu-se a ordem original do fundo. E há também as faltas em virtude dos extravios, que colaboraram também para dificultar o resgate da ordem original.

Outra possibilidade para isso é a interferência da família para o processo de doação do acervo, e a que teve maior influência neste aspecto, há uma suposição desta seleção, já que o autor dos documentos teve um caso extraconjugal e como resultado uma segunda filha, e não se tenha nenhum registro em seu acervo.

Na época em que foi feito a organização arquivística da primeira parcela dos documentos do Arquivo de Roquette-Pinto, através do projeto denominado “Comissão Rondon”, a ABL tinha como critério, fazer o tratamento arquivístico dos acervos levando em conta o número da cadeira, ou seja, primeiro seriam organizados os documentos de todos os ocupantes da cadeira um, depois da cadeira dois, e assim sucessivamente.

Hoje esse critério já não é mais usado, agora estão organizando os acervos dos patronos, em seguida os acervos serão organizados levando em consideração os primeiros ocupantes de todas as cadeiras, ou seja, iniciando pelo primeiro ocupante cadeira um, em seguida o primeiro ocupante da cadeira dois, e assim sucessivamente.

Entretanto, a procura por acesso ao arquivo de Roquette-Pinto, forçava a instituição a ter um olhar diferenciado junto aos tais documentos e procurar uma maneira de facilitar esse acesso. Foi então que a arquivista chefe (que a algum tempo, já tentara patrocínio através de outros projetos) viu a chance de conseguir recursos para tratar esse acervo. Então “em 2010, elaborou o projeto Comissão Rondon” tendo como justificativa a participação de Roquette-Pinto na tal Comissão e a proximidade em 2012 do centenário da mesma. Com isso conseguiu a aprovação do projeto que foi custeado com “recursos da própria ABL”

Segundo Juliana Amorim, “se não fosse a manobra de usar o centenário da participação de Roquette-Pinto na Comissão Rondon, haveria grande possibilidade dessa documentação ainda não ter sido organizada”.

O trabalho arquivístico feito pela ABL junto ao acervo de Roquette-Pinto, facilitou muita o acesso aos pesquisadores. Juliana Amorim nos relatou que:

Houve sim o aumento no acesso a esse arquivo. Antes por causa da desorganização, muitos pesquisadores desistiam de trabalhar nas suas pesquisas, pois, era exaustivo mexer em um arquivo assim tão complexo e sem orientação dos assuntos. Hoje alguns pesquisadores apontam a facilidade da consulta após a organização do acervo.

Ao ser questionada sobre a perda da “ordem original” do acervo, seja pela família, higienização ou própria organização arquivística. Juliana nos explicou que nem sempre é possível recuperar a “ordem original” dos documentos nos arquivos pessoais, ainda mais quando o seu produtor for considerado como “um acumulador”, e não foi diferente no

arquivo pessoal de Roquette-Pinto. Quando foi feita a organização arquivística do acervo, foram separados todos os documentos referentes a sua participação na Comissão Rondon, mesmo assim coube as arquivistas envolvidas no projeto encontrar uma forma para que os documentos cumprissem o objetivo de representar seu produtor. Sendo assim “adotaram medidas metodológicas frente a sua complexidade” e os documentos foram “classificados por assunto”, pois da forma em que se encontravam foi a melhor forma de representá-los. (SOUZA, 2016)

Depois do tratamento arquivístico realizado na série documental referente ao tal projeto, todos esses documentos foram digitalizados e colocados na “base de dados SophiA” da ABL, no entanto ainda não está disponível para consulta. Quanto ao restante da documentação que não fez parte do projeto, “a descrição estará no banco de dados provavelmente até o final de 2016, mas sem a digitalização dos itens”. Pois a ABL não dispõe de equipamentos necessários para o procedimento, sendo assim será necessário a “contratação de uma empresa com equipamentos próprios adequados à documentação desse acervo”. (SOUZA, 2016)

Portanto, segundo Juliana Amorim,

Ainda não foi aprovada a digitalização do restante do acervo, mas acredita-se que até o final de 2017, será disponibilizada as descrições e as imagens digitalizadas. Mas as imagens do projeto Comissão Rondon que já estão na base de dados, poderão ser disponibilizadas antes desse período.

Sendo assim, após passar por todas essas etapas, durante a organização arquivística do arquivo de Roquette-Pinto, foi possível observar o quanto tantos agentes interferiram em tal acervo. A começar pela família que pode ter acarretado na perda da “ordem original” desses documentos, depois o processo de higienização também pode ter contribuído e em seguida a abertura para consulta, onde vários pesquisadores atuaram em busca de respostas para seus trabalhos.

Perguntado a Juliana Amorim se Roquette-Pinto tinha por objetivo que seu acervo fosse divulgado para posteridade. Ela respondeu com convicção.

Sim! Por ele ter sido em excelente “acumulador” de seus registros. A partir da análise do que restou do seu acervo, dá para supor que seus escritos poderiam ser deixados como contribuição para a sociedade. O autor tinha consciência disso. Além disso, Roquette-Pinto deixou registrado que “*Escrevo para documentar e divulgar, Escrevo para arquivar e servir.*” (ROQUETTE-PINTO, 2005, 7. ed, p. 53) Levando a propor a sua intencionalidade em disponibilizar seus registros.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a revisão de literatura quanto a entrevista com a profissional Juliana Amorim, foram muito importantes para compreendermos a complexidade do arquivo pessoal de Roquette-Pinto. Embora não seja possível determinar o grau de interferência do seu produtor no desejo de deixar seus documentos para posteridade, no acervo de Roquette-Pinto, é possível destacar que ele desejava tal contribuição para sociedade. Principalmente, por ter escrito “Escrevo para documentar e divulgar, Escrevo para arquivar e servir.” (ROQUETTE-PINTO, 2005, p. 53)”

Por outro lado, a família, como ocorre no processo de doação e de recolhimento de diversos arquivos pessoais, foi essencial em realizar a doação e, sobretudo, permitir a consulta do acervo mediante autorização. A própria escolha de doá-lo à ABL foi de cunho familiar, pois o produtor não havia deixado nada expresso ou escrito determinando que seu acervo fosse para essa instituição.

Evidentemente, os arquivistas contribuíram de forma ativa na organização e acesso desse acervo, isto é, com certeza interferiram no mesmo. Consideramos que não ter a certeza de “resgate” da ordem original, conforme Juliana nos informou, não é um ponto de todo negativo se pensarmos no caráter técnico e leal do profissional arquivista em disponibilizar ao pesquisador informações verdadeiras sobre as escolhas metodológicas no manuseio, organização e descrição do acervo. O extravio de alguns documentos desse acervo e o processo de higienização também contribuíram para a impossibilidade de estabelecimento de sua ordem original. A incerteza se a família realizou algum tipo de seleção documental para doação também é outro fator a ser levado em consideração.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Roquette- Pinto**: Bibliografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D198/biografia>>. Acesso em 25 set. 2016.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CALABRE, Lia. No tempo das radionovelas. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 49, p. 65-83, 2º sem. 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r2433-1.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2016.

CATELLI, Rosana Elisa. **Roquette-Pinto e a comunicação**: registro, visualização e internalização da cultura. Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) - v.2, n.1, jan. /

jun., 2013. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/rbhm/ed03/artigos/05.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

DUCHEIN, Michael. O respeito aos fundos em Arquivística: princípios teóricos e problemas práticos. **Arquivo&Administração**, Rio de Janeiro, V. 10-14, N.1 AB. 1986. Disponível Em: <basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_.../2011/.../pdf_b7dd52746d_0019306.pdf>. Acesso em: 27 de set. 2016.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil.1989.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyco Dongley. **O ensino de história e seu currículo** – teoria e método. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
Rádio Roquette Pinto. Disponível em: <<http://www.radioroquettepinto.rj.gov.br/index.php/controladorhistorico>>. Acesso em: 27 set. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**. jul./set. Rio de Janeiro, p. 239-248. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>> . Acesso em: 11 out. 2016.
ROUSSO, Henry. Arquivo ou indício de uma falta. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 17, 1996.

SOUZA, Juliana Amorim de. **Roquette-Pinto imortal**: Constituição, tratamento e usos do Arquivo Roquette-Pinto na Academia Brasileira de Letras. 2015.119 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/15102>>. Acesso: 25 set. 2016.

APÊNDICE I

- 1 - Pode nos contar sobre como chegou para trabalhar na ABL?
- 2 - O que despertou seu interesse especificamente pelo Arquivo do Roquette-Pinto?
- 3 - Como foi sua atuação como arquivista chefe na organização desse arquivo?
- 4 - Segundo a sua dissertação, ele é o 2º mais consultado. Essa constatação foi feita antes ou depois da organização arquivística?
- 5 - Dos pesquisadores que acessam o arquivo de Roquette-Pinto, qual maior demanda?
- 6 - Qual critério foi usado para a escolha do arquivo de Roquette-Pinto, à nomeação ao Programa Memória do Mundo, da UNESCO? Quem faz a proposição dessa nomeação?
- 7 – Em sua opinião, o acervo, no processo de recolhimento, sofreu alterações (perda da ordem original, possíveis extravios ou danos à documentação, etc.)? Se sim, quais?

8 - A ABL organizava os acervos pelo número da cadeira. Caso a demanda e a comemoração dos 100 anos da Comissão Rondon não tivesse contribuído para a organização deste, qual provável data se daria?

9 – De alguma forma o trabalho arquivístico da ABL, interferindo nesse acervo, pode ter colaborado para seu acesso a pesquisadores?

10 - O critério adotado de colocar as séries como assunto, não descaracteriza a ordem “original”?

11- Foi feita a digitalização da série documental do projeto e o restante do acervo, será digitalizado também? Quando?

12 - Quando esta documentação que foi digitalizada e inserida no banco de dados, estará disponível para o público através do SophiA?

13 – Na sua opinião, a família pode ter sido crucial na decisão de doar o acervo?

14 – Na sua opinião, Roquette-Pinto, tinha por objetivo a divulgação de seu arquivo pessoal para a posteridade?